

ROMY SEIDEL

# A FILHA DE FREUD

Tradução de  
Nazaré Matias

alma  
dos livros

# OS ANOS VIENENSES I

1922-1924

## *Capítulo Um*

VIENA, BERGGASSE, N.º 19, VERÃO DE 1922

**A**nna sentou-se e esticou as costas. Estava há horas a trabalhar muito concentrada numa tradução inglesa para a Associação de Psicanálise, cujo diretor-geral era o seu pai.

Levantou-se, foi até à janela e ergueu os ombros. Talvez pudesse dar um pequeno passeio, o ar fresco deixá-la bem-disposta. Estava há demasiado tempo naquela sala abafada.

Anna voltou para a secretária, empurrou as folhas de papel e pensou em ordená-las imediatamente.

Não, também o poderia fazer no dia seguinte. Por aquele dia, chegava.

Quando sentiu alguém bater à porta, Anna já tinha o puxador na mão e abriu-a. Não conseguiu deixar de rir da cara de espanto da tia.

– Meu Deus, Anna, assustaste-me!

– Acabei agora e queria esticar as pernas.

A tia parecia severa e tinha sempre um ar reprovador, o que devia ter que ver com o facto de usar roupa sempre escura e gola alta. Além disso, parecia estar sempre de sobrolho franzido. Conhecendo-a melhor, percebia-se que era tudo menos rigorosa ou rabugenta.

– O teu pai quer falar contigo, Annerl.

O que poderia querer? Era uma hora invulgar para ter uma conversa, tendo em conta que costumava atender pacientes até ao início da noite.

– Vemo-nos ao jantar, então – despediu-se e, assim como apareceu, a tia desapareceu de novo.

Anna retirou o casaco do bengaleiro e dirigiu-se ao escritório do pai.

O apartamento dos Freud – na verdade, dois apartamentos que tinham sido juntados posteriormente – tinha quase duas dúzias de quartos, incluindo até uma sala de estar separada para a tia.

Os dois quartos de Anna estavam na parte sul, mesmo ao lado da sala de jantar. Tinha mobilado o salão com um confortável sofá, uma secretária e uma estante de livros em nogueira. Num canto, estava uma acolhedora poltrona, acompanhada por um banco, maravilhosa para ler e bordar. Cortinados claros pendurados, diante da janela, flutuavam suavemente com o vento quando se deixava uma fiska da janela aberta. Com os quadros coloridos nas paredes, à frente dos quais gostava de parar, Anna tinha criado uma casa acolhedora e brilhante para si mesma no meio do edifício um tanto sombrio e ligeiramente desconfortável dos pais. Os espaços do pai – gabinetes e consultórios, bem como a sala de tratamento e a sala de espera – situavam-se na ala oeste do edifício.

Anna aproximou ligeiramente a orelha à porta e pôs-se a escutar.

Nada. Tudo estava tranquilo, em silêncio. Bateu à porta e entrou na sala quando ouviu uma voz dizer «Entra!».

O pai estava sentado à secretária. Um cigarro fumegante repousava no cinzeiro. Tirara o casaco e pendurara-o nas costas da cadeira. A janela estava fechada, como era habitual. Anna gostava de o provocar dizendo que ele não fazia questão de respirar ar fresco.

– Posso? – Deu um passo em direção à janela e esperou que ele acenasse com a cabeça.

– Como quiseres – respondeu, continuando a escrever.

Não foi fácil chegar à janela. A sala estava cheia de mobília: candeeiros, tapetes, alguns dos quais empilhados uns sobre os outros, e inúmeras lembranças que o pai tinha trazido das viagens. Em todas as mesas e prateleiras havia estatuetas, algumas das quais encarnando deuses gregos. A paixão pelo colecionismo era uma peculiaridade sua; quando via uma estatueta numa loja, não conseguia seguir em frente sem pelo menos pegar nela brevemente. E isso significava que a queria.

A jovem bateu com a anca contra uma mesa lateral e a figura de madeira sobre ela balançou. Agarrou-a com uma mão.

Quando era criança, uma vez derrubara um cinzeiro cheio e espalhara toda a cinza de cigarros num precioso tapete. Tinha recebido uma terrível repreensão do pai, que se queixara por ela ser tão desajeitada, e saíra a chorar da sala.

Abriu uma fissa da janela e sentou-se na cadeira em frente da mesa de secretária.

– Querias falar comigo, pai?

Afastando de si a folha de papel, o pai pegou no cigarro e fumou. Piscando, viu as nuvens cinzentas do fumo subir até ao teto e depois pigarreou.

– Estou preocupado, Anna.

– Preocupado? Com o quê?

– Contigo.

Adivinhou o que é que queria dizer. Estava preocupado porque ainda vivia na casa dos pais e da tia e nem sequer pensava em emancipar-se. Ainda o preocupava mais o facto de que, até àquele momento, Anna não tivesse pensado sequer em casar. Com quem é que ia casar?

Havia um ou dois interessados. Ernest Jones, por exemplo, um bom amigo da família. Era neurologista e também tinha experiência como psicanalista. Quando começara a cortejá-la, algum tempo antes, tinha-se sentido bastante desconfortável. Era mais do que claro o que ele esperava, apesar de nunca lhe

ter proposto nada diretamente. Nem era sequer necessário, pois transmitira-lhe uma mensagem indireta na maioria das ocasiões, mas por vezes bastante direta sobre a sua intenção. A certa altura tinha chegado a ser demasiado, e Anna dissera-lhe que ele lhe agradava apenas como amigo e mais nada.

Como resultado, tinha-se afastado e só ultrapassou a suposta humilhação semanas mais tarde. Desde então, nunca mais tinham falado de casamento e, se dependesse de Anna, assim continuaria a ser.

Os olhos do pai brilharam por um momento. Ou aquilo o divertia ou o irritava, por vezes não conseguia ter a certeza.

Sentiu a necessidade de se justificar, mas felizmente foi capaz de se conter.

Sigmund continuou a fumar silenciosamente, depois levantou-se e foi até à janela.

– Na verdade, foi a tua mãe que me pediu para falar contigo. Como podes imaginar, está muito mais preocupada do que eu.

Anna revirou os olhos. Portanto, a mãe também tinha que ver com aquilo. Porque é que mandara o pai dar a cara? Porque é que não falava diretamente?

– Pergunta-se se não queres de todo ter uma vida própria.

– Mas eu tenho-a. Tenho o meu espaço e o meu trabalho.

Anna era a mais nova de seis irmãos – três irmãos e duas irmãs –, a caçula que sempre lutou por atenção e amor. Desde criança tinha mostrado interesse pelo trabalho do pai, lido o que ele escrevia, e, a dada altura tinha começado a discutir a psicanálise com ele. Mesmo mais tarde, quando se tornou professora num liceu, nunca perdeu o interesse pelo trabalho psicanalítico e acabou por fazer análises didáticas com o pai durante três anos.

Fazia três meses que tinha sido admitida na Associação de Psicanálise de Viena e assistia às reuniões e conferências realizadas. Também se começara a ocupar da correspondência comercial e das traduções para inglês da mesma instituição. Não era isso

uma vida própria? O casamento e o início de uma família eram tudo o que devia interessar a uma mulher?

O pai olhou-a com seriedade. Os seus olhos conseguiam por vezes ser sinistros e penetrantes.

– Quando é que vais à casa da senhora Lou? – perguntou repentinamente. A mudança súbita de assunto surpreendeu-a.

– Na próxima segunda-feira.

Lou Andreas-Salomé era uma amiga em comum. Anna tinha-a conhecido através do pai. Lou era escritora e também trabalhara como psicanalista durante alguns anos. Já tinha mais de 60 anos, a mesma idade que a mãe de Anna. No entanto, achava que Lou parecia muito mais jovem e vivaz.

Sigmund sentou-se outra vez à secretária. Será que já estava dispensada ou pretendia continuar a sondá-la?

Continuou a escrever e acendeu um novo cigarro. O anterior ainda brilhava no cinzeiro.

– Quero dar-te um livro para entregar à senhora Lou. Por gentileza, lembra-me disso depois.

Anna levantou-se e ajeitou o avental do seu *dirndl*, o fato típico austríaco que sempre usava.

– Assim farei. Vemo-nos ao jantar. Vou apanhar um pouco de ar fresco.

Ele apenas acenou com a cabeça e nem sequer olhou para cima quando Anna fechou a porta atrás dela.

## *Capítulo Dois*

### NA SEGUNDA-FEIRA SEGUINTE

O sol brilhava, dificilmente se via uma nuvem no céu. Era o melhor tempo para viajar.

Anna acordou alegre e entusiasmada, vestiu-se rapidamente e foi até à sala de jantar para comer qualquer coisinha ao pequeno-almoço. Nunca tinha muito apetite de manhã.

O seu pai já estava no escritório e a mãe e a tia ainda pareciam estar a dormir.

– Devo levar a sua mala de viagem lá para baixo, menina? – perguntou Mizzi, a governanta, uma rapariga jovem e bonita com bochechas de maçã e caracóis dourados.

– Não é necessário, Mizzi, mas obrigada. – Anna acabou de beber o café e pensou em arranjar alguma coisa para comer mais tarde. – Mas pode pedir à cozinheira que me prepare algo para comer na viagem?

Mizzi dobrou ligeiramente os joelhos, fazendo uma vénia.

– Mas é claro, menina Anna.

Anna juntou o prato e o copo como sempre fazia, apesar de Mizzi já lhe ter dito que não era necessário.

– Estarei no meu quarto, se alguém precisar de mim. – Ainda tinha de preparar uma ou duas coisas.

Abandonou a sala de jantar e entrou para a porta ao lado. Deixou os quartos a arejar, reuniu o resto das suas coisas e



verificou se não se tinha esquecido de nada. Passaria o mês de julho inteiro na casa da senhora Lou.

Com o seu leve impermeável no braço, Anna entrou no átrio da estação Westbahnhof, em Viena. Demorou um momento a adaptar-se ao barulho: vozes altas, gritos das pessoas e os sons estridentes dos assobios, sopros e barulhos dos comboios a entrar e a partir.

Enquanto caminhava, quase tropeçou num rapazinho sentado no chão, com os braços enrolados à volta dos joelhos, que chorava de forma comovente. Anna agachou-se à frente dele.

– O que é que se passa, rapazito?

– A minha mamã... – soluçou. – Perdi a minha mãe.

Anna resistiu ao impulso de puxar o rapazinho para perto dela para o confortar.

– Anda, vamos sentar-nos ali. – Apontou para um banco à sua direita. – Não podes ficar aqui sentado, mais cedo ou mais tarde alguém vai tropeçar em ti.

Sorriu quando o jovem levantou o rosto e olhou para ela com um ar ingénuo.

– Já quase aconteceu – respondeu.

O rapaz levantou-se e limpou o rosto húmido com a manga da camisa.

Mal estava de pé quando um condutor se apressou na sua direção.

– Malcriado! Como te atreves a ficar por aqui?! – Estava prestes a puxar a orelha do jovem, mas Anna conseguiu intervir.

– Por favor, deixe o pobre rapaz em paz!

– Aii! – uivou, apesar de o condutor não o ter chegado a apanhar.

– Mas ele não pode sentar-se aqui! – repreendeu o condutor.

– Os transeuntes sentem-se incomodados.

– Porque um rapazinho está sentado no chão a chorar? – Anna abanou a cabeça com incredulidade. – Eu tomo conta dele, pode seguir com o seu trabalho.

– Tem a certeza? – O homem olhou para ela, cético. – Posso chamar o segurança – disse, apontando para algum lado.

– Deixe estar – assegurou-lhe ela. – Se precisar dele, eu própria o chamo.

– Muito bem, deve saber... – murmurou outra coisa que não chegou a compreender e foi-se embora.

Anna sentou-se no banco, pôs a mala de viagem aos pés e esperou até que o rapaz estivesse sentado ao seu lado.

– Agora diz-me calmamente o que aconteceu, está bem?

O jovem fungou e Anna deu-lhe um lenço limpo da sua mala de viagem.

– A minha mamã... – Limpou o nariz e os olhos com o lenço. – Queríamos apanhar hoje o comboio para Omama. Ela disse «Vai à frente, eu saio pouco depois de ti». Já tenho oito anos e estou autorizado a vir sozinho até à estação. Esperei aqui, mas a mamã não veio e depois o comboio partiu. – Soltou um soluço rouco. – E se embarcou sozinha? Porque é que não veio ter comigo?

Anna ficou profundamente aliviada. Um mal-entendido, ou assim parecia. Tudo se iria esclarecer. Por um momento, tinha pensado que o rapaz queria dizer que a mãe estava morta quando disse que a perdera.

– Como te chamas?

– Johannes.

– O meu nome é Anna. A tua mãe certamente não partiu sem ti, Johannes.

Johannes olhou para ela com a confiança a brilhar nos seus grandes olhos castanhos e o seu coração contraiu-se com compaixão. Lembrou-se bem de como se tinha sentido muitas vezes perdida quando era criança. Fora a criança que não era suposto ter nascido, não estava planeada. Os seus irmãos tinham formado uma unidade à qual ela não pertencia, por muito que se esforçasse.

Estava prestes a dizer algo reconfortante ao pequeno quando a voz de uma mulher exaltada se deixou ouvir atrás deles:

– Viu o meu rapaz? Onde raio está o meu rapazinho?

Johannes saltou do sítio.

– Mamã!

Anna levantou-se e viu uma pequena mulher de cabelos escuros envolver o rapaz nos seus braços, cobrindo-lhe o cabelo de beijos.

– Johannes! Começava a pensar que tinhas entrado no comboio e partido sozinho.

O jovem desembaraçou-se dela.

– Eu também pensava isso de ti – revidou, provocando-lhe um sorriso.

– Então somos os dois uns sortudos, não é?

Johannes apontou para Anna.

– Esta menina cuidou de mim.

– A sério? Isso é muito gentil da sua parte. Muito obrigada.

– Ora, com certeza, só estava a tentar acalmá-lo.

– Agradeço-lhe do fundo do meu coração. Espero que não tenha perdido o seu comboio por causa disso – agradeceu a mulher, pegando-lhe na mão.

– Não, não se preocupe, cheguei muito cedo. Na verdade, aí vem ele. – Anna apontou para a direita, onde o seu comboio tinha acabado de chegar ruidosamente e pegou na mala de viagem. – Adeus, Johannes, cuida de ti, está bem?

Como sempre, Anna levava o seu tricô com ela e, enquanto começava a manga de um vestido para Lou, pensou no seu encontro com Johannes. A experiência tinha-a tocado e feito pensar. Uma criança devia sentir-se sempre segura e cuidada. Podia tão facilmente descarrilar... e os problemas que daí resultavam eram muitas vezes graves.

A agulha de tricô deslizava através dos pontos, Anna quase não tinha de olhar. Era isso que ela adorava ao trabalhar com agulhas: os seus pensamentos embarcavam numa viagem e quase sem querer surgia uma bonita peça de vestuário.